

# Eixo Capital



ANA DUBEUX (Interina)  
anadubeux.correio@gmail.com

## O sarau no apartamento de Odette Ernest Dias



Fotos Beth Ernest Dias/Arquivo Pessoal

Três dias após a morte de Odette Ernest Dias, lembranças dos amigos ressaltam a importância da flautista na construção da cultura brasiliense. Ela desembarcou em Brasília para ser professora do Departamento de Música da UnB em 1974. Mas, desde os tempos em que morava no Rio de Janeiro, e integrava a Orquestra Sinfônica Brasileira e atuava na Rádio Nacional, ela apreciava as rodas de choro. Conheceu Pixinguinha quando ele era arranjador da TV Tupi. Quando se mudou para Brasília, se encontrou com o clarinetista Celso Cruz, e ele disse: "Sei que você gosta de choro. O Waldir Azevedo, o Avena de Castro e o Pernambuco do Pandeiro se reúnem na casa do jornalista Raimundo de Brito. Apareça por lá". No entanto, logo em seguida, Raimundo morreu, e Odette disse: "Então, vamos reunir o pessoal no meu apartamento, que é grande". E, assim, surgiram os famosos saraus do apartamento de Odette, que foram a nascente do Clube do Choro.

Apareceram por lá Waldir de Azevedo, Avena de Castro, Pernambuco do Pandeiro, Valério, Tio João do Trombone, Tio Nilo, Miudinho e Nivado de Souza, entre outras feras da música instrumental. As fotos que publicamos integram o arquivo pessoal de Beth Ernest Dias e registram momentos do sarau no apartamento de Odette, que chegaram a atrair gente ilustre de outros estados. Também vieram Paulinho da Viola, Paulo Moura, Copinha e César Faria (pai de Paulinho da Viola e integrante do conjunto Época de Ouro, que acompanhava Jacob do Bandolim).

Divulgação



## O avô como inspiração

Pré-candidato ao GDF pelo PT-DF, o presidente do Iphan, Leandro Grass, passa as festas de fim de ano em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, terra natal de sua família. Em visita aos tios, aproveitou para rever a casa dos avós Angelina e João Grass, que foi expedicionário na Segunda Guerra Mundial e participou da famosa Batalha de Monte Castelo. "Estou recarregando as baterias para as lutas do próximo ano, que serão muito duras." Grass está seguro de que terá sua candidatura oficializada pelo Diretório Regional. "Já pactuamos o apoio de todas as correntes internas, à exceção do grupo do (Geraldo) Magela, ex-deputado e que também tem a pretensão de concorrer ao Buriiti". Segundo Grass, as negociações também estão fechadas com o PV e o PCdoB, que formam a federação com o PT e com o PDT.



## À QUEIMA-ROUPA

# "Estamos vendo cada vez mais casos de ataques misóginos contra jornalistas"

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Os casos recentes de feminicídio e agressões contra mulheres faz crescer a percepção de que a violência de gênero não é episódica, mas parte de um problema estrutural. Para a presidente do Instituto Palavra Aberta, Patrícia Blanco, romper esse ciclo exige ações coordenadas que combinem educação, segurança pública, assistência social, responsabilização e mobilização da sociedade. O enfrentamento ao feminicídio tem que ser abraçado por todos. Ao compreender melhor o ambiente midiático, passamos a entender que a retórica violenta e discriminatória pode começar de maneira localizada e aparentemente pontual e sem consequências, sob a forma de posts. Quando olhamos para mulheres que trabalham de forma exposta nas mídias, a situação também é crítica.

## Qual o papel da escola na desconstrução de padrões de violência de gênero?

Episódios de violência como os vistos recentemente exigem ações pontuais e imediatas. Mas não podemos perder a chance de discutir caminhos mais duradouros para uma cultura de paz, em que crianças e jovens sejam preparados para uma postura mais saudável e responsável para atuar na sociedade de forma a compreender e respeitar a diversidade, pluralidade e igualdade de gênero.

A violência de gênero ou não — seja ela retórica (que aparece, por exemplo, em ameaças e boatos de atentados), seja física (com casos concretos de ataques) — só será efetivamente enfrentada a partir de um conjunto amplo de iniciativas, envolvendo agentes públicos, a sociedade de maneira geral e as escolas, em especial. A construção de uma cultura de não violência começa no ambiente familiar, mas precisa passar pela sala de aula, a partir da incorporação de temas ligados ao universo midiático e questões socioemocionais ao currículo.

## De que forma a educação midiática ajuda a enxergar a violência de gênero como um problema estrutural, e não casos isolados?

A educação midiática tem muito a contribuir nesse sentido. Quando aprendemos a analisar criticamente mensagens de mídia, passamos a ter uma atitude questionadora e não mais passiva em relação a conteúdos que podem reforçar vieses e preconceitos, principalmente contra mulheres. Além disso, ao compreender melhor o ambiente midiático, passamos a entender que a retórica violenta e discriminatória pode começar de maneira localizada e aparentemente pontual e sem consequências, sob a forma de posts, piadas e memes desrespeitosos, que acabam banalizando discursos violentos. O perigo desse tipo de comportamento será maior quanto maior for o desconhecimento de como todos nós temos responsabilidades ao criar, compartilhar ou simplesmente engajar em determinados conteúdos.

Por isso, a escola precisa incluir em seu dia a dia novos letramentos que ajudem crianças e adolescentes a entender

fenômenos que amplificam retóricas de ódio contra grupos da sociedade, sejam de mulheres ou qualquer outro grupo.

## A falta de letramento midiático reforça o machismo estrutural? O ambiente digital reforça esse padrão?

Com certeza. A objetificação e a desumanização de mulheres são pilares estruturantes da sociedade em que vivemos. Se praticamente toda mulher já foi assediada na rua, na escola, em casa ou no trabalho, por que isso seria diferente no ambiente on-line? Ao contrário: a distância e o anonimato dão justamente mais liberdade para que homens ofendam e violentem, com textos, áudios e vídeos, mulheres conhecidas e desconhecidas. É claro que há um problema crônico de combate a discursos com preconceito de gênero e orientação sexual nas plataformas digitais. Mas também é necessária a compreensão de que esse é um problema social que se reflete no ambiente digital e a falta de letramento midiático reforça este comportamento.

## O problema também ocorre com jornalistas?

Quando olhamos para mulheres que trabalham de forma exposta nas mídias, a situação também é crítica. Estamos vendo cada vez mais casos de ataques misóginos contra jornalistas mulheres nas redes sociais. Só nestes últimos dias, tivemos notícias de duas profissionais vítimas dessa violência — Malu Gaspar (O Globo) e Renata Mendonça (TV Globo), ambas simplesmente por exercerem o seu ofício.

## O enfrentamento ao feminicídio deveria ser tratado como política de Estado, e não de governo?

Como política de Estado, mas não só. O enfrentamento ao feminicídio e a toda e qualquer violência contra a mulher tem que ser abraçado por toda a sociedade. Somente a partir de políticas públicas que integrem ações de educação, prevenção e punição efetiva é que conseguiremos avançar no combate a esta chaga que afeta a todos nós.

## É possível combater o feminicídio sem enfrentar o machismo estrutural?

Acredito que se não enfrentarmos esta

questão de forma sistêmica, só estaremos enxugando gelo. O problema da banalização da violência é uma questão mais ampla. Vivemos numa sociedade que infelizmente se acostumou com isso no dia a dia. Desde a retórica do "em briga de marido e mulher não se bota a colher", até a culpabilização da vítima: "você viu a roupa que ela estava usando?". Ou seja, o problema é muito mais profundo e está incorporado na nossa sociedade.

## Como as redes sociais influenciam a percepção e a reprodução de relações abusivas?

De diversas maneiras, entre elas, pela formação de grupos que convergem e compactuam com este tipo de comportamento. São homens que enviam áudios, montam imagens e acessam e divulgam pornografia, degradando individual e coletivamente a imagem de mulheres. Comentários em grupos de WhatsApp nada mais são do que conversas machistas de bar levadas para o ambiente virtual, onde têm potencial quase infinito de alcance. Os autores são homens de carne e osso responsáveis por suas falas e posturas. A violência de gênero aparece no discurso: em memes machistas, xingamentos a jornalistas, nudes de conhecidas e desconhecidas vazados e compartilhados e em tantos outros formatos que é impossível mensurar.

## O que jornalistas e influenciadores precisam mudar ao tratar feminicídios?

Acredito que os jornalistas têm feito um bom trabalho ao expor os casos de forma bastante crítica e dando a dimensão necessária para comportamentos que não podem ser mais tolerados. O papel da imprensa é justamente este: de dar luz aos acontecimentos, cobrar uma atuação consistente do poder público e chamar a atenção da sociedade, contribuindo para que a mudança cultural aconteça.

E os influenciadores digitais, detentores de grande massas de seguidores e diante do seu potencial de engajar essas milhões de pessoas precisam entender o seu papel e responsabilidade na busca por uma sociedade mais segura para todos. Que o exemplo do Felca seja seguido e se torne praxe na prática diária desses criadores de conteúdo.

## Ética além do expediente

Para a deputada Paula Belmonte, o episódio envolvendo um servidor da Controladoria-Geral da União, flagrado em vídeo agredindo uma mulher e uma criança, recoloca no centro do debate a responsabilidade ética de quem exerce função pública. "Quando há cargo público envolvido, a cobrança precisa ser maior, porque a função pressupõe responsabilidade dentro e fora do expediente", afirmou. Ela ainda pondera que a prioridade absoluta do Estado deve ser a proteção das vítimas e a responsabilização efetiva do agressor.



## Para não esquecer o 8 de janeiro

No terceiro aniversário do 8 de Janeiro, o Partido dos Trabalhadores pretende promover atos em Brasília e em diversas cidades do país para lembrar o atentado aos Poderes da República ocorrido em 2023. As manifestações terão como lema "Brasil nas ruas pela democracia". Na capital federal, o presidente Lula deve realizar uma cerimônia simbólica, com a presença de autoridades, a exemplo do que ocorreu nos dois anos anteriores. Ainda não há local definido para o evento: a Praça dos Três Poderes está em reforma. Há expectativa de que durante o ato o chefe do Executivo anuncie o veto ao Projeto de Lei da Dosimetria. Três anos depois do ataque à democracia, a temperatura política em Brasília segue alta. O bolsorismo resiste, o Congresso se mostra condescendente com golpistas e o Supremo Tribunal Federal enfrenta um teste de credibilidade em meio ao desgaste provocado pelo Banco Master.

## Balanco do Nota Legal

Um dos programas do GDF mais conhecidos dos brasilienses, o Nota Legal devolveu R\$ 136,6 milhões em 2025 aos contribuintes que exigem a emissão de cupons fiscais das compras. Outro ponto de destaque do ano foi que o prêmio principal passou de R\$ 500 mil para R\$ 1 milhão, totalizando R\$ 7 milhões distribuídos nos dois sorteios. Além disso, em outubro, começou o Nota Legal Solidária, voltado às entidades sem fins lucrativos, ampliando o alcance social da iniciativa.

## Assim é (se lhe parece)

As festas de fim de ano estampam mais do que a alegria típica do Natal e do ano-novo. Revelam a vulnerabilidade. Há cenas que sempre se repetem e se mostram nas ruas. Eis algumas: tutores irresponsáveis que abandonam seus animais nas ruas apenas para saírem de férias; barracos que se proliferam às margens das avenidas — ali, a população de rua aguarda a solidariedade em forma de doações; acidentes que matam famílias inteiras, vítimas da imprudência no trânsito, da pressa em chegar; excessos no consumo de álcool detonando toda espécie de agressividade e crimes, em especial feminicídios.

## Conversas secretas ao ar livre

Nada mais popular que uma feira. De produtores, de ideias e de esperança. O futuro de uma cidade sempre nasce numa feira.



Divulgação

Mariane, Gorgulho, Filippelli, Arruda, Kiko. Em pé: Gastão e Gontijo